

## UM PEDAÇO DE ESFINGE

*Elizabeth Alves*

Anonimamente nasceu a coisa.  
Coisa pressuposta gente.  
A coisa humanamente falida.  
Semente jogada num labirinto cuja saída  
está na mente maior dos que tecem muito mais que esperança,  
daqueles que fabricam a razão e o inseto chamado coração.  
Anonimamente cresceu a coisa.  
Cresceu florida num canto do jardim.  
Se fez criança e penetrou em mim,  
e esta coisa hiberna agora que a estação mudou,  
porque não há mais estação nenhuma.  
Existe algo mais que decente,  
Humildemente humano,  
humanamente humilde.  
O objeto que sai e que entra dentro do seu próprio abismo,  
algo chamado gente.  
A coisa falida, que reergueu seus andares,  
talvez nuns poucos e míseros pesares,  
andrajosos seres concretos e abstratos,  
computadores gigantes,  
ramificados,  
enraizados,  
satirizados,  
exaustos de tanto fazer, memorizar, comandar.  
A coisa criou um espectro.  
A coisa foi capaz de criar mais que a sua própria sombra.  
Mas o que criou é uma espada de dois gumes.  
A coisa feriu-se com a sua imensa criação.  
E voltou ao seu tranqüilo anonimato, numa regressão natural,  
num sutil desertar de uma pátria infiel.  
Torna o embrião a desenvolver suas raízes.

Torna a esfera a girar,  
e a coisa a crescer.  
Num canto perdido na sala escura  
está a presença de um caos, povoado de asteróides,  
de luzes e de água que resvala por entre o sangue que ficou nas  
veias da coisa.  
Está um pedaço de esfinge.  
Anonimamente ficou um resquício da coisa chamada gente.

Elizabeth Alves

Imagem que foi,  
o pranto apagou.  
Farrapo que é, o vento levou.  
Sentado entre sombras, linguagens e cantos,  
Espera solene o momento de contar,  
Sua história de vida,  
Sua loucura breve,  
O livro que a mente insistiu em tecer,  
um retalho descrente que ninguém que ver,  
Porém poucos sabem que o velho tristonho,  
que em frente a um banco,  
Fala sozinho de um sonho,  
É mais que espantalho,  
É mais que uma sombra,  
É o melhor atalho para a razão de ser.  
Teu olhar parado num tudo profundo,  
Bem maior que o mundo é a minha esperança,  
Não saia jamais deste banco criança,  
Não deixe jamais meu refúgio escondido,  
Fique assim na minha mente,  
Assim tão bom e perdido,  
Sábio louco,  
Louco sábio,  
Desvairado e querido.  
Nunca ninguém criou forma mais perfeita.

Elizabeth Alves

Ergueu a mão.  
Tinha que erguer a mão.  
Como pode haver um ditador que não ergue a mão?  
Levantou a voz naturalmente,  
Falou claro e decentemente,  
Embora em cima de caixas velhas,  
Embora vestido de trapos sujos,  
Embora bêbado nas sarjetas.  
Ergueu a mão:  
*Meus amigos,  
Tudo está bem,  
O mundo vai indo otimamente,  
Caminha para o caos, isto é bom.  
Os grandes continuam pisando os pequenos,  
E os pequenos continuam não podendo ser grandes,  
Isto é bom.  
Bebei, brindai comigo, caros irmãos,  
O rumo certo que eles mostram,  
Está tudo bem.  
A rebeldia não cessou, pois a tirania cresceu.  
As bocas continuam calando para não perderem a voz,  
E – tudo está bem,  
O vil metal entregue aos montes nas mãos de uns,  
enquanto que as mãos de outros só possuem ossos,  
cada vez mais ossos, nada mais do que ossos.  
Abaixou a mão para fitá-la, sorriu:  
*Meus amigos, tudo está bem,  
Não há o que criticar pois não há poder para isto.**

*O rei continua rei, dono e senhor de terras,  
o rei continua recolhendo os pagamentos,  
e os súditos continuam a pagar as taxas impostas pelo rei,  
e os súditos emudecem, pois o rei possui espada,  
e eles apenas a carcaça para servir.  
Meus amigos, tudo está bem,  
A liberdade é uma formiga que se esconde,  
Não há racismo, somente brancos que odeiam pretos,  
Não há revolta, apenas rebelião,  
Não há guerra, somente escravidão.  
Meus amigos, enganam-se pensando na Lei Áurea,  
o papel em que a pena aboliu virou cinza.  
E, para os grandes, o papel é que vale.  
Tudo está bem,  
Não há fome, apenas farrapos de gente apelando pra uma garrafa —  
— olhou seu corpo —  
Apenas tentando iludir o estômago, ou melhor, a razão.  
Meus amigos, tudo está bem. Afundou-se nas caixas velhas  
e ergueu a mão.*

## NU E CRU

*Elizabeth Alves*

Pegaram-lhe o corpo e expuseram suas cicatrizes  
Pegaram-lhe a mente e desmascararam seu saber,  
feriram-no tanto que ele emudeceu.  
Virou fonte de espanto: sem conhecer pranto.  
Sugaram-lhe o amor,  
deixaram-no seco.  
Esvaziaram-no todo.  
Fizeram-no frio.  
Depois encheram suas entranhas de perplexidade.  
Criaram-no cru. Mataram sua verdade.  
Acorrentaram sua liberdade,  
para tornar a fazê-lo, peça por peça.  
Mais um pra viver .  
Nu e cru aspirou secretamente o mundo novo.  
Restou-lhe algo que não puderam arrancar,  
pois foi plantado na pureza e cultivado com amor.  
E o mundo novo,  
de virtudes contrafeitas,  
de dias sofridos, noites sentidas,  
entrou dentro dele em forma de um sol,  
e nu e cru ele ofuscou os olhos de seus escravizadores.